

**Zaira Regina Zafalon
Martha Suzana Cabral Nunes
Márcia Ivo Braz
Alessandra dos Santos Araújo**
Organizadoras

**PERCURSOS DE PESQUISA
EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO**
produção científica e
discussões teórico-conceituais

Abecin
EDITORA

Zaira Regina Zafalon
Martha Suzana Cabral Nunes
Márcia Ivo Braz
Alessandra dos Santos Araújo
(Organizadoras)

**PERCURSOS DE PESQUISA EM
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
produção científica e
discussões teórico-conceituais**

São Paulo
Abecin Editora
2021

©2021 by Zaira Regina Zafalon, Martha Suzana Cabral Nunes, Márcia Ivo Braz e
Alessandra dos Santos Araújo (organizadoras)
Direitos desta edição reservados à ABECIN Editora

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA
LICENÇA CREATIVE COMMONS



Atribuição – Uso Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 3.0

É permitido copiar, distribuir, exibir, executar a obra e criar obras derivadas desde que sem fins comerciais e que seja dado o crédito apropriado aos autores e compartilhada sob a mesma licença do original.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P429 Percursos de pesquisa em Ciência da Informação : produção científica e discussões teórico-conceituais / Zaira Regina Zafalon, Martha Suzana Cabral Nunes, Márcia Ivo Braz e Alessandra dos Santos Araújo (org.). – São Paulo : Abecin Editora, 2021.
243 p.

e-ISBN: 978-65-86228-08-3.

Inclui referências.

Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora>.

1. Ciência da Informação. 2. Produção científica. 3. Discussões teórico-conceituais. I. Zafalon, Zaira Regina, org. II. Nunes, Martha Suzana Cabral, org. III. Braz, Márcia Ivo, org. IV. Araújo, Alessandra dos Santos, org.

CDU: 02(05)

CDD: 020

Ficha catalográfica: Melissa dos Santos Araújo – CRB-1 3426/DF.

COMISSÃO EDITORIAL E CIENTÍFICA

Editor-chefe: Zaira Regina Zafalon (UFSCar)

Aldinar Martins Bottentuit (UFMA)	José Antonio Frías (USAL, Espanha)
Alessandra dos Santos Araújo (UFS)	José Antonio Moreira González (UC3M, Espanha)
Andréa Pereira dos Santos (UFG)	Manuela Moro Cabero (USAL, Espanha)
Aurora Cuevas-Cerveró (UCM, Espanha)	Márcia Ivo Braz (UFPE)
Célia Regina Simonetti Barbalho (UFAM)	Márcio Bezerra da Silva (UNB)
Danielly Oliveira Inomata (UFAM)	Marta Lígia Pomim Valentim (UNESP)
Dunia Llanes Padrón (UH, Cuba)	Martha Suzana Cabral Nunes (UFS)
Franciele Marques Redigolo (UFPA)	Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)
Helen Beatriz Frota Rozados (UFRGS)	Naira Christofoletti Silveira (UNIRIO)
Henriette Ferreira Gomes (UFBA)	Paulina Szafran (UDELAR, Uruguai)
Ieda Pelógia Martins Damian (USP)	Samile Andréa de Souza Vanz (UFRGS)
Isidoro Gil Leiva (UM, Espanha)	Valéria Martin Valls (FESP/SP)
Ivana Lins (UFBA)	

Normalização: Autores

Diagramação, Editoração, Revisão e Capa: Zaira Regina Zafalon

O conteúdo dos capítulos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores e não representam necessariamente a posição oficial da Editora Abecin. Os originais foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros da Comissão Editorial e Científica desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

CAPÍTULO 2

A WEB COMO DOCUMENTO PERMANENTE E AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013

Raquel Silva da Fonseca

Moisés Rockembach

Jeniffer Cuty

1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa desenvolvida na monografia de conclusão do curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Com a expansão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), percebemos cada vez mais as mudanças que os avanços tecnológicos trazem para a Ciência da Informação (CI). O conceito de documento arquivístico tem trabalhado com essas mudanças, integrando os documentos nato digitais como parte da sua esfera de atuação profissional e científica. A pesquisa desenvolvida considera o documento *web* como arquivístico, tendo em vista a já existência de extensos arquivos da *web* nos países mais desenvolvidos do mundo. O corpus documental foi composto a partir do recolhimento de dados disponíveis no arquivo da *web* fornecido pela *Internet Archive* do jornal brasileiro O Estado de São Paulo, durante o mês de junho de 2013.

A *Internet Archive (IA)* é uma instituição sem fins lucrativos fundada em 1996 por Brewster Kahle, localizada em São Francisco, EUA, com a finalidade de construir uma biblioteca

digital de *websites*¹ e outros objetos culturais em formato digital. Sua missão oficial é “promover acesso universal a todo o conhecimento”. No ano de criação, a instituição arquivava a internet em si, que ainda estava em fase de crescimento de uso. A IA compara o conteúdo da *web* com a efemeridade do jornal em formato impresso, sinalizando a importância e fragilidade do conteúdo da rede, com poucas iniciativas para preservação. Assim, a IA preconizou o único arquivamento da *web* em configuração transnacional², protegendo uma parte de conteúdo mundial. São 20 anos de história da internet, disponíveis através da plataforma *Wayback Machine* e acessíveis a todos. O volume informacional trazido com a *web 2.0*³, e a mudanças com relação à qualidade do conteúdo, faz com que o *Wayback Machine* seja o maior arquivo da *web* disponível hoje, arquivando diferentes formas de mídia, como áudios, vídeos, páginas *web*, fotografias, livros, conteúdos interativos, etc., somando, até 2015, 438 bilhões de páginas *web*, ocupando 23 *petabytes* de espaço de armazenamento (WEBER, 2017, p. 84).

¹ A *World Wide Web*, ou apenas *web*, foi criada e desenvolvida pelo engenheiro e cientista da computação Timothy John Berners-Lee, a partir de uma proposta para a manutenção geral de informação sobre experimentos realizados pela CERN, a Organização Europeia para Pesquisa Nuclear.

² Brügger foi quem cunhou o termo “transnacional” para se referir ao início do arquivamento da *web* proposto pela *Internet Archive*. Segundo o autor, o IA tinha como proposta mostrar o valor potencial que as *web pages* tinham numa época em que esse valor não era evidente. Por esse motivo, o escopo da IA sempre foi arquivar a *web* mundial, e não apenas o conteúdo produzido nos EUA (BRÜGGER, 2011, p. 31).

³ A *web 2.0* surgiu como conceito numa conferência entre O’Reilly e a *MediaLive International*, a partir da discussão sobre a perda de importância dos domínios *dot com*, ao mesmo tempo que outras formas de relações profissionais estavam ganhando importância através da *web* no início dos anos 2000.

A estratégia básica de arquivamento do *IA* é via *snapshots*, ou “capturas”, em que todo o material recolhido pelos *crawlers*⁴, uma ferramenta robótica que arquivava material a cada 8 semanas. O *IA* começou com uma pequena coleção selecionada em torno de eventos políticos, arquivando as páginas dos candidatos à Presidência dos EUA no ano de 1996 (BRÜGGER, SCHOREDER et al., 2017, p. 6). Entretanto, o volume de informação adicionada não resultou numa organização de recuperação de conteúdo por temas⁵, nomes ou locais, e não há qualquer organização arquivística ou biblioteconômica dos dados que auxilie nessa recuperação. Esse é o maior problema atual da plataforma *Wayback Machine*: é necessário que se tenha a *url*⁶ de uma página que deseja ser recuperada para obter uma busca segura em seu banco de dados (BRÜGGER, SCHOREDER et al., 2017, p. 11).

A autora Jinfang Niu escreveu em 2012 um texto didático sobre o tema, para os cursos de graduação relacionados com Biblioteconomia e Arquivologia nos EUA (NIU, 2012). A autora afirma que o *IA* trabalha com arquivamento em massa, lidando com um grande volume de informações, mas que o repositório captura apenas páginas que estão na superfície da *web* (NIU,

⁴ *Crawler* ou *web crawler* é um robô da internet que auxilia na indexação da *web*. Eles rastreiam uma página *web* em determinado momento até que todo o conteúdo da mesma seja indexado. A página *web* para ser rastreada e indexada por um *crawler* precisa ter em seu *html* códigos que permitam a indexação. É em função da variação de códigos *html* que alguns *hyperlinks* não são indexados pelo *crawler*.

⁵ Depois da pesquisa já concluída, a busca por temas está disponível em caráter experimental na plataforma. No entanto, as buscas são escassas e por vezes incoerentes. Ter o endereço da página ainda é a forma mais segura de resgate de informação.

⁶ *Url*, ou *Uniform Resource Locator*, é o endereço de uma página na internet, bem como o seu protocolo de acesso.

2021). A hierarquia da *web* relaciona-se com a importância de cada *web page* tem na internet, baseando-se no número de acessos, alcance e interação que a página tem com internautas, empresas, entidades governamentais e não governamentais, etc. A seleção de conteúdo arquivado no *Wayback Machine* é, geralmente, priorizada a partir dessa importância. Existe a possibilidade de intervenção humana na escolha do conteúdo, em que os internautas que conhecem a plataforma podem guardar qualquer *url* inserindo no local denominado “*save this page*” na página inicial do *Wayback*. Todavia, a maior parte do conteúdo é selecionada por *crawlers*.

Para realizar em caráter amostral uma análise de como o arquivamento da *web* é realizado, este trabalho optou por escolher uma página *web* que atendesse os requisitos colocados pela autora Niu (2012). Dessa forma, optamos por pesquisar uma página *web* de um dos maiores jornais brasileiros, O Estado de São Paulo, em um momento importante da nossa história recente: as manifestações contra o transporte público do país que culminou na movimentação em massa conhecida como “Jornadas de Junho” de 2013. A pesquisa fez um levantamento dentro da plataforma dos *snapshots* feitos do site, muitas vezes tendo mais de uma versão do jornal por dia disponível. Recolhendo majoritariamente dados referentes as manifestações, terminamos a pesquisa com um *corpus* documental de mais de 500 documentos disponíveis.

2 ARQUIVAMENTO DA WEB – INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

O referencial teórico utilizado para tratar do tema combinou autores da Ciência da Informação (CI) em estreito diálogo com as Ciências Humanas, já que a complexidade da fonte exige um diálogo heterogêneo. Devido aos poucos trabalhos realizados sobre o tema no Brasil, buscamos na literatura científica estadunidense o principal complemento para a base teórica.

Em discussão sobre como os novos formatos documentais tem se centrado nas formas digitais, Rockembach fez um levantamento de pesquisas nacionais e internacionais sobre o tema, recuperando artigos científicos da base de dados *Scopus* (2018). Segundo o autor, a qualidade da coleta é fundamental para um melhor arquivamento e recuperação da informação (2018), e aponta que:

Conforme colocado por Hockx-Yu (2012), isto significaria tentar armazenar de forma idêntica ao que vemos ao acessar diretamente um site web, contudo, por uma série de fatores, como scripts dinâmicos, streaming de mídia, estruturas das redes sociais e conteúdo baseado em banco de dados, torna-se necessário garantir a qualidade a partir de quatro aspectos também enquadrados por Hockx-Yu (2012), que trazem mais ênfase ao conteúdo do que ao visual gráfico: I. Se o conteúdo pretendido foi coletado integralmente; II. Se o conteúdo intelectual, em oposição ao estilo e layout, pode ser reproduzido na ferramenta de acesso; III. Se a cópia coletada pode ser reproduzida, incluindo o comportamento presente no site ao vivo, como a capacidade de navegar interativamente entre links;

IV. Se há a manutenção da aparência de um site.
(ROCKEMBACH, 2018, p. 06-07)

Rockembach (2018, p. 9) ainda comenta sobre as implicações legais acerca do arquivamento, afirmando que os usos da informação arquivada implicam não somente em problemas legais, mas também éticos, que não estão explícitos numa página *web*.

A literatura científica estadunidense sobre o tema do arquivamento da *web* foi uma das bases teóricas da pesquisa, bem como nos proporcionou ferramentas para compreender as implicações legais e éticas dessas novas fontes documentais. O livro *The Web as History*, editado no ano de 2017 pela UCL, é a primeira obra de fôlego sobre o tema, com uma coletânea de artigos sobre pesquisas na área (BRÜGGER; SCHOREDER, 2017). Na introdução do livro, Niel Brügger e Ralph Schoreder oferecem um panorama sobre a história da *web*, chamam a atenção para a importância da informação *online* como elemento de prova em processos jurídicos, bem como para movimentos sociais e políticos (BRÜGGER; SCHOREDER, 2017, p. 1). Eles reiteram o valor do arquivamento proposto pela IA (BRÜGGER; SCHOREDER, 2017, p. 7), questionando como esses arquivos se constituem, como eles são coletados, organizados e como tornar essa informação disponível a pesquisadores (BRÜGGER; SCHOREDER, 2017, p. 9-10).

O autor Matthew S. Weber, que escreve um capítulo da coletânea intitulado "*The tumultuous history of news on the web*", tem o jornal como fonte principal de pesquisa, e oferece um panorama do desenvolvimento dos sites de notícias na *web* (WEBER, 2017, p. 83). Devido a fluidez do conteúdo da *web*, Weber (2017, p. 85) salienta que a informação jornalística pode

ser facilmente suprimida, alterada ou completamente deletada. Além disso, o autor comenta o impacto da *web 2.0* para a interatividade e produção de conteúdo jornalístico, afirmando que o jornal virtual atinge um período de “maturidade” em 2010, passando a produzir conteúdo exclusivo online (WEBER, 2017, p. 89). O estudo do autor é relevante para considerarmos a evolução do site resgatado no arquivo, já que trabalha com páginas de jornais.

Para trabalhar com o conceito de Informação, recorreremos aos autores Capurro e Hjørland em texto clássico para a disciplina da CI (CAPURRO; HJORLAND, 2007). Segundo os autores, “informação” contém uma característica específica para a matéria, estando intimamente ligada com o conceito de comunicação do conhecimento, referindo-se ao processo de transformação do conhecimento, sua seleção e interpretação dentro de um determinado contexto (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 150). Para fins desta pesquisa, salientamos a questão da seleção da informação no texto quando os autores trazem para a análise o receptor da informação, o usuário. Segundo eles, a teoria semântica de Dretske faz uma distinção entre informação e significado, entendendo que a informação não requer um processo interpretativo para existir, embora esse ponto seja fundamental para aquisição de conhecimento (Ibidem). Ainda sobre Dretske, um ponto que nos parece fundamental para a pesquisa, quando o autor afirma que “[...] não há informação falsa, mas há significado sem verdade [...]” e, do mesmo modo, “[...] informação é capaz de produzir conhecimento e uma vez que o conhecimento requer verdade, a informação também a requer.” (DRETSKE apud CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 170).

2.1 As Jornadas de Junho de 2013: um exemplo de estudo de caso

Em nosso trabalho de conclusão de curso, apontamos sistematicamente como o levantamento das fontes disponíveis no IA foi realizado. O acesso aos dados se dá através de *links* do site buscado (no nosso caso, a *url* do jornal O Estado de São Paulo), em que a plataforma gera o levantamento de todos os *snapshots* disponíveis para aquela determinada *url*. Dessa forma, fizemos um levantamento do primeiro e último *link* disponíveis para cada data do mês de junho de 2013, e pudemos perceber as edições do formato do jornal e dos textos disponíveis no período de um dia.

Ao tecer a ética da memória em Walter Benjamin, a autora Mattos (2016) recorre ao pesquisador Ricardo Timm de Souza para chamar a atenção de um hábito do pensamento representacional, que “não consegue lidar senão com presenças”, em que a sociedade estaria vivendo em delírio prisioneiro dessa presença (MATTOS, 2016, p. 92-93). Relacionando Walter Benjamin com Jacques Derrida, Mattos afirma que a proposta do seu trabalho, da ética da memória, escaparia das ideias representadas no presente (MATTOS, 2016, p. 93), se colocando nos estilhaços que estão para além do presente. A autora Pires (2014) coloca:

Ao redefinir o conceito de verdade e recuperar a linguagem como campo para a resignificação do sujeito e da história, a obra de Benjamin apresenta-nos caminhos que levam a um diálogo entre o conhecimento e a verdade; a sensibilidade e o entendimento: ‘Benjamin reivindica para as ciências humanas outra forma de expor a verdade, forma que se distingue profundamente do que chamamos

conhecimento empírico do real e, portanto, questiona os limites rígidos da racionalidade técnica, preconizando um tipo de conhecimento que inclui as paixões e as utopias indispensáveis à vida, sem as quais não há humanidade possível'. (SOUZA, 2009, p. 187 apud PIRES, 2014, p. 816).

Pires (2014) analisa a questão da linguagem em Walter Benjamin ressaltando que a palavra é um meio para o autor, uma forma de comunicar conteúdos ou transmitir informações, em que a atividade intelectual capaz de gerar ideias e conceitos se comunica *na* linguagem, ou seja, toda a atividade intelectual só se realiza *na* linguagem (PIRES, 2014, p. 820-821, grifos da autora). Vimos na pesquisa que as fontes analisadas recordam de momentos do presente, com fotos, análises políticas com informações diagramadas, narrações minuto a minuto sobre acontecimentos de um dia, num esforço para reter partes daquele presente para o futuro. Contudo, as ausências dos dados podem ser vistas como um escape da construção desse presente, como os estilhaços colocados por Mattos (2016).

Nas fontes analisadas, o dia 17 de junho de 2013 conta com 13 capturas no total, com 11 *links* disponíveis para acesso, e dispõe capturas maciças na hierarquia da página, muito maior do que realizado sobre a capa. No último *link* disponível para o dia (INTERNET ARCHIVE, 2013a), a cobertura da sessão “Última Hora” acompanhava as manifestações daquele dia. A reportagem central, “Ao vivo: manifestantes chegam à Paulista” (INTERNET ARCHIVE, 2013b), foi capturada 43 vezes pelo IA, do dia 17 de junho de 2013 até o dia 03 de março de 2017. A página mantém as características analisadas anteriormente: publicada através de um *blog* com texto escrito minuto a minuto. Era a quinta manifestação para a redução da tarifa do transporte público e

seus efeitos já eram amplamente sentidos pela cidade: mais de 30 mil manifestantes nas ruas, congestionamento histórico na cidade de São Paulo, o segundo dia de manifestantes presos por porte de vinagre, violência policial como resposta às ruas tomadas.

O IA possui diversas formas de organização da informação, por curadoria e automatizadas. Dito isso, parte das capturas foram arquivadas numa coleção intitulada *“Spring 2013 Protests in Turkey”* (Primavera 2013 Protestos na Turquia), que tem o objetivo de coletar “novos artigos” que realizaram a cobertura dos protestos na Turquia. De maio a agosto de 2013, a Turquia passou por uma convulsão social desencadeada por protestos pacíficos de cunho ambiental que rapidamente se transformaram em contestação nacional ao poder federal turco. A Primavera Árabe iniciou um novo processo de derrubada de poderes estabelecidos a partir do ano de 2010, modificando o cenário político de países do Oriente Médio e norte da África, em que as redes sociais e a internet tiveram um papel fundamental para organização do movimento e disseminação de informação.

Como sabemos, o processo político nacional brasileiro tomou rumos diferentes do que àqueles experimentados pela Turquia ou pelos países árabes, mesmo que por algum momento as Jornadas de Junho tenham sido lidas como “primavera”. Contudo, através desse exemplo, podemos aferir que mesmo um arquivamento robotizado sem seleção humana prévia contém uma narrativa própria. A relação das manifestações brasileiras com os protestos na Turquia parece estranha observada hoje. Entretanto, existe uma narração exterior criada sobre essas manifestações populares em países emergentes, que qualifica arranjos políticos de formas que não imaginamos. Parte dessa

narrativa é criada justamente porque o *IA* é estadunidense, com uma agenda própria de interesses ao arquivar informações de todo o mundo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o universo *web* são múltiplas considerações necessárias para pensar a *web* enquanto documento de arquivo, e enquanto fonte efêmera passível de modificações, alterações e supressões de informação que são impossíveis de mensurar. Um arquivamento massivo, feito a revelia da subjetividade humana, traz a possibilidade de perceber essas modificações durante a construção de uma única página *web*, entretanto pelo excesso dificulta o acesso a essas fontes e a nossa capacidade de refletir sobre a mesma.

No exemplo mencionado acima, podemos perceber que apesar da perda de informação em alguns campos do arquivamento da *web*, estamos lidando não somente com o excesso de informação, mas também com o excesso de narrativas possíveis sobre essa informação. Benjamin (2012) afirma que a memória é uma faculdade épica por excelência e, não obstante, é o ato de rememorar a musa da poesia épica para os gregos. Segundo o autor, “a rememoração funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa mais épica no sentido mais amplo. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador” (BENJAMIN, 2012, p. 228). Narração enquanto ato é fundamental para o rememorar, revisitando uma história ela passa a ter sentido a cada nova geração.

Um Arquivo dispõe de fontes. Pode ser entendida como

memória bruta, que ganha sentido através de uma narração criada a partir delas. Uma análise amostral da plataforma IA demonstra o potencial que um arquivo tem. Todavia, os Arquivistas não são agentes passivos do processo. Nós mesmos temos que narrar nossos processos organizativos, que dão sentido a guarda, seleção, avaliação e organização dos documentos. Porque fazemos o que fazemos, e como o fazemos. Rememorar o passado com o auxílio dos arquivos também atravessa uma narrativa do nosso fazer profissional. Se a linguagem ressignifica o sujeito, a narração analítica sobre como um arquivo é organizado também é capaz de ressignificar nossa profissão.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

BRÜGGER, Niels. Web archiving – Between Past, Present and Future. In: CONSALVO, Mia; ESS, Charles (Ed.). *The handbook of internet studies*. [s. l.]: John Wiley & Sons, 2011.

BRÜGGER, Niels; SCHROEDER, Ralph (Ed.). *Web as History: Using Web Archives to Understand the Past and the Present*. [s. l.]: UCL Press, 2017.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. The concept of information as we use in everyday. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

INTERNET ARCHIVE. 2013a. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20130617224917/http://www.estadao.com.br/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

INTERNET ARCHIVE. 2013b. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20130617214101/http://blogs.estadao.com.br/estadao-urgente/manifestantes-fazem-quinto-ato-contra-o-aumento-da-tarifa-de-onibus-em-sao-paulo/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

MATTOS, Manuella Sampaio de. *Ética da memória em Walter Benjamin*: um ensaio. Porto Alegre: Editora Bestiário, 2016.

NIU, Jinfang. An overview of web archiving. *D-Lib magazine*, v. 18, n. 3/4, 2012.

PIRES, Eloiza Gurgel. Experiência e linguagem em Walter Benjamin. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 813-828, set. 2014.

ROCKEMBACH, Moisés. Arquivamento da Web: estudos de caso internacionais e o caso brasileiro. *RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, SP, v. 16, n. 1, jan./abr. 2018.

SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sônia. *Política, cidade e educação*: itinerários de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC, 2009.

WEBER, Matthew S. The tumultuous history of news on the web. In: BRÜGGER, Niels; SCHROEDER, Ralph (Ed.). *Web as History: Using Web Archives to Understand the Past and the Present*. [s. l.]: UCL Press, 2017.